

ELITE
PRÉ-VESTIBULAR
c a m p i n a s

Resolve

UNESP 2010

2ª fase

**Conhecimentos
Específicos**

www.elitecampinas.com.br

LINGUAGENS E CÓDIGOS

TEXTO PARA AS QUESTÕES 25 A 28

Instrução: As questões de números 25 a 28 tomam por base uma passagem da comédia *As casadas solteiras*, de Martins Pena (1815-1848), e uma passagem do romance *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado (1912-2001).

As casadas solteiras Cena IX

Henriqueta e depois Jeremias

Henriqueta (só)

Vens muito alegre... Mal sabes tu o que te espera. Canta, canta, que logo chiarás! (apaga a vela) Ah, meu tratante!

Jeremias (entrando)

Que diabo! É noite fechada e ainda não acenderam velas! (chamando) Tomás, Tomás, traze luz! Não há nada como estar o homem solteiro, ou, se é casado, viver bem longe da mulher. (enquanto fala, Henriqueta vem-se aproximando dele pouco a pouco) Vivo como um lindo amor! Ora, já não posso aturar a minha cara-metade... O que me vale é estar ela há mais de duzentas léguas de mim. (Henriqueta, que a este tempo está junto dele, agarra-lhe pela gola da casaca. Jeremias, assustando-se) Quem é? (Henriqueta dá-lhe uma bofetada e o deixa. Jeremias, gritando) Ai, tragam luzes! São ladrões! (aqui entra o criado com luzes)

Henriqueta

É outra girândola, patife!

Jeremias

Minha mulher!

Henriqueta

Pensavas que te não havia de encontrar?

Jeremias

Mulher do diabo!

Henriqueta

Agora não te perderei de vista um só instante.

Jeremias (para o criado)

Vai-te embora. (o criado sai)

Henriqueta

Ah, não queres testemunhas?

Jeremias

Não, porque quero te matar!

Henriqueta

Ah, ah, ah! Disso me rio eu.

Jeremias (furioso)

Ah, tens vontade de rir? Melhor: a morte será alegre. (tomando-a pelo braço) Tu és uma peste, e a peste se cura; és um demônio, e os demônios se exorcizam; és uma víbora, e as víboras se matam!

Henriqueta

E aos desavergonhados se ensinam! (levanta a mão para dar-lhe uma bofetada, e ele, deixando-a, recua) Ah, foges?

Jeremias

Fujo sim, porque da peste, dos demônios, e das víboras se foge... Não quero mais te ver! (fecha os olhos)

Henriqueta

Hás de ver-me e ouvir-me!

Jeremias

Não quero mais te ouvir! (tapa os ouvidos com a mão)

Henriqueta (tomando-o pelo braço)

Pois há de me sentir!

Jeremias (saltando)

Arreda!

Henriqueta

Agora não me arredarei mais do pé de ti, até o dia do Juízo...

Jeremias

Pois agora também faço eu protesto solene a todas as nações, declaração formalíssima à face do universo inteiro, que hei de fugir de ti como o diabo foge da cruz; que hei de evitar-te como o devedor ao credor; que hei de odiar-te como as oposições odeiam as maiorias.

Henriqueta

E eu declaro que te hei de seguir como a sombra segue o corpo...

Jeremias (com exclamação)

Meu Deus, quem me livrará deste diabo encarnado?

Criado (entrando)

Uma carta da Corte para o Sr. Jeremias.

Jeremias

Dá cá. (o criado entrega a carta e sai. Jeremias, para Henriqueta) Não ter eu a fortuna, peste, que esta carta fosse a de convite para teu enterro...

Henriqueta

Não terá esse gostinho. Pode ler, não faça cerimônia.

Jeremias

Não preciso da sua permissão. (abre a carta e a lê em silêncio) Estou perdido! (deixa cair a carta no chão) Desgraçado de mim! (vai cair sentado na cadeira)

Henriqueta

O que é?

Jeremias

Que infelicidade, ai!

Henriqueta

Jeremias!

Jeremias

Arruinado! Perdido!

Henriqueta (corre e apanha a carta e a lê)

“Sr. Jeremias, muito sinto dar-lhe tão desagradável notícia. O negociante a quem o senhor emprestou o resto de sua fortuna acaba de falir. Os credores não puderam haver nem 2 por cento do rateio. Tenha resignação...” — Que desgraça! Pobre Jeremias! (chegando-se para ele) Tende coragem.

Jeremias (chorando)

Ter coragem! É bem fácil de dizer-se... Pobre, miserável... Ah! (levantando-se) Henriqueta, tu que sempre me amaste, não me abandones agora... Mas não, tu me abandonarás; eu estou pobre...

Henriqueta

Injusto que tu és. Acaso amava eu o teu dinheiro, ou a ti?

Jeremias

Minha boa Henriqueta, minha querida mulher, agora que tudo perdi, só tu és o meu tesouro; só tu serás a consolação do pobre Jeremias.

Henriqueta

Abençoada seja a desgraça que me faz recobrar o teu amor! Trabalharemos para viver, e a vida junto de ti será para mim um paraíso...

Jeremias

Oh, nunca mais te deixarei!

(Martins Pena, *Comédias* (1844-1845). *As casadas solteiras*: comédia em 3 atos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.)

Dona Flor e seus dois maridos

Sempre fora considerada e se considerara dona Flor boa dona de casa, ordeira e pontual, cuidadosa. Boa dona de casa e boa diretora de sua Escola de Culinária, onde acumulava todos os cargos, contando apenas com a ajuda da empregada broca e esmorecida e a assistência amiga da pequena Marilda, curiosa de pratos e temperos. Nunca lhe ocorrera reclamação de aluna, incidente a toldar o sossego das aulas. A não ser, é claro, os acontecidos quando do primeiro esposo pois o finado, como se está farto de saber, não era de ter consideração por horário, por trabalho alheio ou por melindres de alfenim; seus deboches com alunas por mais de uma vez criaram dificuldades e problemas para dona Flor, dores de cabeça, quando não enfeites de duro corno.

Ah! Em verdade, ela, dona Flor, não possuía noção de regra e método, andava longe de ter ordem em casa e na Escola e, em sua existência, medida e pauta, como dever! Foi-lhe necessário viver com doutor Teodoro para dar-se conta de como sua ordem era anarquia, seus cuidados tacanhos e insuficientes, de como ia tudo mais ou menos ao deus-dará, a la vontade, sem lei e sem controle.

Não decretou doutor Teodoro lei e controle de imediato e com severidade; nem sequer falou em tal. Sendo homem tranquilo e suspicaz, de educação cutuba, nada sabia impor e não impunha; no entanto tudo obtinha sem estardalhaço, sem que os demais se sentissem violentados; um fode-mansinho o nosso caro farmacêutico. Era preciso ver-se a casa um mês e meio depois da lua-de-mel, que diferença! Também dona Flor fazia diferença, buscando adaptar-se a seu marido, seu senhor, caber justa e certa em sua medida exata. Se nela a mudança era por dentro, mais sutil, menos visível, na casa fizera-se evidente, bastava olhar.

(Jorge Amado, *Dona Flor e seus dois maridos*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1966.)

QUESTÃO 25

Nos dois fragmentos de texto citados, em que se colocam aspectos da relação entre marido e mulher no casamento, percebe-se que as esposas amam seus respectivos maridos, mas o modo de relacionamento é diferente. Tomando por base este comentário, releia os dois fragmentos apresentados e demonstre que a atitude de Henriqueta diante de Jeremias é bastante diferente da que se percebe entre dona Flor e o doutor Teodoro.

Resolução

A passagem da comédia *As casadas solteiras*, de Martins Pena, evidencia um casal cujo relacionamento é permeado pela desordem, por desavenças e provocações. Henriqueta não se acanha ante aos insultos do marido e o enfrenta com orgulho e teimosia: "Agora não me arredarei mais do pé de ti, até o dia do Juízo...". Com a notícia de que o marido estava falido, o amor que Henriqueta sente por Jeremias vem à tona, e é esse sentimento que a faz permanecer na relação, apesar das circunstâncias adversas: "Abençoada seja a desgraça que me faz recobrar o teu amor! Trabalharemos para viver, e a vida junto de ti será para mim um paraíso...".

Já na passagem do romance *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado, temos um relacionamento calcado pela ordem, em que o marido aparece como elemento que traz essa organização à vida de dona Flor, sempre disposta a "adaptar-se a seu marido": (...) "dona Flor não possuía noção de regra e método, andava longe de ter ordem em casa e na Escola (...). Foi-lhe necessário viver com doutor Teodoro para dar-se conta de como sua ordem era anarquia, (...)"

QUESTÃO 26

No terceiro parágrafo do texto de Jorge Amado, a expressão coloquial *fode-mansinho*, que poderia assumir um sentido de ordem sensual, é na verdade utilizada como metáfora que caracteriza outro aspecto da personalidade do doutor Teodoro. Releia o parágrafo e explique o que quer dizer o narrador ao afirmar que o doutor era um *fode-mansinho*.

Resolução

Nessa passagem da obra de Jorge Amado, doutor Teodoro é descrito como um homem discreto, "tranquilo e suspicaz". Embora nada soubesse impor "e não impunha", conseguia o que desejava de forma discreta: "no entanto tudo obtinha sem estardalhaço, sem que os demais se sentissem violentados". A escolha do narrador da expressão *fode mansinho* serve justamente para caracterizar o modo manso com que Teodoro agia para atingir seus objetivos.

QUESTÃO 27

No fragmento da peça de Martins Pena há palavras, expressões e frases que aparecem escritas em itálico e quase sempre entre parênteses. Trata-se de um recurso formal utilizado pelos autores em textos destinados a teatro, cinema e televisão. Partindo deste comentário, releia o texto e, a seguir, explique a função que apresenta esse recurso formal no fragmento apresentado.

Resolução

O recurso mencionado é a *rubrica*, que tem a função de mostrar as ações dos personagens, uma vez que os textos tipicamente mostram apenas suas palavras. O formato da rubrica (entre parênteses e em itálico) mostra que não se deve confundir-la com as falas dos personagens. Essa função fica clara se observarmos um exemplo:

Jeremias

Não quero mais te ouvir! (*tapa os ouvidos com a mão*)

Henriqueta (*tomando-o pelo braço*)

Pois hás de me sentir!

Jeremias (*saltando*)

Arreda!

No trecho acima, as rubricas indicam o que os personagens fazem enquanto falam, já que suas ações são importantes para a compreensão da cena. A fala de Henriqueta, por exemplo, não é suficiente para explicar a reação de Jeremias, mas o motivo de ele saltar e mandar que ela se afaste fica claro quando sabemos que, enquanto fala, Henriqueta o pega pelo braço.

QUESTÃO 28

Na peça de Martins Pena, Jeremias e Henriqueta usam em quase todo o diálogo o tratamento de segunda pessoa do singular (tu, te, ti, contigo e verbos com flexão correspondente). Em certo momento, porém, há uma rápida troca de palavras em que os dois alteram a forma de tratamento, para em seguida voltarem ao de segunda pessoa. Localize a passagem que contém essa rápida troca de palavras e identifique a forma de tratamento que nela assumem marido e esposa.

Resolução

O trecho em que a forma de tratamento é modificada é o seguinte:

Henriqueta

Não terá esse gostinho. Pode ler, não faça cerimônia.

Jeremias

Não preciso da sua permissão.

Nesse trecho, a forma de tratamento assumida pelos personagens é a da terceira pessoa do singular (*ele*), evidenciado nas palavras 'terá', 'pode', 'não faça' e 'sua'. Caso estivessem na segunda pessoa, os termos teriam de ser substituídos, respectivamente, por 'terás', 'não faças' e 'tua'.

TEXTOS PARA AS QUESTÕES 29 A 32

Instrução: As questões de números 29 a 32 tomam por base um soneto do poeta neoclássico português Bocage (Manuel Maria Barbosa du Bocage, 1765-1805) e uma tira da escritora e quadrinista brasileira Ciça (Cecilia Whitaker Vicente de Azevedo Alves Pinto).

LXIV

Contraste entre a vida campestre e a das cidades

Nos campos o vilão sem sustos passa,
Inquieto na corte o nobre mora;
O que é ser infeliz aquele ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça:

Aquele canta e ri; não se embaraça
Com essas coisas vãs que o mundo adora:
Este (oh cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça:

Aquele dorme em paz no chão deitado,
Este no ebúrneo leito precioso
Nutre, exaspera velador cuidado:

Triste, sai do palácio majestoso;
Se hás-de ser cortesão, mas desgraçado,
Antes ser camponês, e venturoso.

(Bocage, *Obras de Bocage*. Porto: Lello & Irmão-Editores, 1968.)



(Ciça. Tira. In: *Pagando o pato*. Porto Alegre, LP & M, 2006.)

QUESTÃO 29

O tema do soneto apresentado, do neoclássico português Bocage, se enquadra numa das linhas temáticas características do período literário denominado Neoclassicismo ou Arcadismo. Aponte essa linha temática, comprovando com elementos do próprio poema.

Resolução

A linha temática é da exaltação da vida campestre e da simplicidade (bucolismo), combinada à visão da cidade (representada aqui pela corte) como um espaço que causa o sofrimento (*fugere urbem*), por levar à valorização de coisas pouco importantes, como o luxo. Isso fica claro já na primeira estrofe, especialmente no quarto verso:

“Nos campos o vilão sem sustos passa,
Inquieto na corte o nobre mora;
O que é ser infeliz aquele ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça.”

A exaltação da simplicidade fica óbvia quando o poeta explica o motivo pelo qual o camponês vive feliz:

(...) “canta e ri; não se embaraça
Com essas coisas vãs que o mundo adora”

A conclusão retorna o tema da valorização da simplicidade de forma bastante clara:

“Se hás-de ser cortesão, mas desgraçado,
Antes ser camponês, e venturoso.”

QUESTÃO 30

A palavra *vilão* pode apresentar diferentes significados na Língua Portuguesa, alguns bastante distintos entre si. No soneto de Bocage, a própria sequência da leitura permite descobrir, em função do contexto, o significado que assume tal palavra, empregada no primeiro verso. Releia o poema e aponte esse significado.

Resolução

Embora nos tempos atuais o uso mais comum da palavra ‘vilão’ tenha o sentido de ‘criminoso’ ou ‘desprezível’, fica claro no poema de Bocage que ele a está usando no sentido de ‘camponês’, ou seja, ‘habitante da vila’. Isso é óbvio porque o vilão é contraposto ao morador da corte; além disso, o termo usado para retomar a palavra ‘vilão’ no último verso é justamente ‘camponês’, confirmando a aceção defendida acima.

QUESTÃO 31

O soneto de Bocage se apresenta de acordo com o modelo tradicional, com versos de dez sílabas métricas (decassílabos) distribuídos em duas quadras e dois tercetos. De posse desta informação, apresente como resposta a divisão em sílabas métricas do segundo verso do poema, levando em conta que as sílabas tônicas são a terceira, a sexta, a oitava e a décima.

Resolução

In.qui.E.to.na.COR.te_o.NO.bre.MO.ra

As sílabas foram separadas aqui por pontos; as sílabas em letra maiúscula são as tônicas do poema; o subscrito na sétima sílaba indica uma elisão, ou seja, um momento em que duas sílabas são pronunciadas como uma só, para efeitos de métrica. Vale lembrar que a contagem de sílabas poéticas só é feita até a última sílaba tônica: por isso, embora o poeta tenha, gramaticalmente, 11 sílabas, poeticamente há apenas 10.

QUESTÃO 32

Na tira de Ciga, a troca de *ser* por *ter* ironiza uma das tendências do comportamento humano na sociedade moderna, altamente consumista. Isso considerado, releia a tira e o poema de Bocage e aponte em que consiste essa ironia e em que medida o soneto de Bocage representa, com mais de dois séculos de antecedência, uma das possíveis respostas a essa troca de *ser* por *ter*.

Resolução

A ironia consiste no fato de que, embora a sociedade valorize mais a posse de bens materiais (o *ter*) do que a qualidade de vida (o *ser*), essa troca não produz os efeitos desejados. Na tira, é feita apenas a primeira parte do comentário, ou seja, apenas se constata a supervalorização da posse dos bens materiais, a tal ponto que se pode afirmar que a maior questão existencial da sociedade moderna não é verdadeiramente existencial, mas sim consumista. No poema de Bocage, a resposta a essa troca é dada nos dois últimos versos:

“se hás-de ser cortesão, mas desgraçado,
Antes ser camponês, e venturoso.”

A tese defendida pelo poeta é a de que as pessoas não devem trocar sua paz pela posse de bens materiais, já que estes são incapazes de garantir a felicidade.

TEXTOS PARA AS QUESTÕES 33 A 36

INSTRUÇÃO: Leia o artigo *Film about de Menezes premieres in home town*, publicado pelo jornal britânico *The Independent*. Responda às questões de números 33 a 36, em português.

FILM ABOUT DE MENEZES PREMIERES IN HOME TOWN

By Jan Onoszko in Rio de Janeiro
Friday, 19 June 2009

The life story of the Brazilian man shot dead by police on a London Underground train because they believed he was a suicide bomber is celebrated in a film which premieres in his home town this evening.

The population of Gonzaga is expected to double in size as 10,000 people pack the town's football ground for the first screening of the film, entitled *Jean Charles*.

Jean Charles de Menezes was 27 years old when Metropolitan Police officers fired seven bullets into his head at Stockwell Tube station on 22 July 2005. The force was found guilty of endangering public safety in a subsequent inquiry into the incident but no individual officers have been held accountable for his death.

The Gonzaga mayor, Esegénia-Maria Magalhães, said: “We wish the town could have become known for other reasons, if it had to be known at all. What happened still has a profound effect on all of us. There's a lot of indignation, pain, sadness, and Jean Charles is greatly missed. He was an ordinary boy who left us in search of a better life.”

The BBC commissioned the film and approached Henrique Goldman to direct and write it, but it later pulled out of the project because they didn't agree on what perspective the film should take. “I don't know why they pulled the plug,” said Goldman. He managed to keep the project going when the UK Film Council provided half the funding. “The Government which lets the police get away with murder also allows us to make the film,” said Goldman. “This schizophrenic behaviour is very British.”

(www.independent.co.uk/arts-entertainment/films)

QUESTÃO 33

A que se referem as seguintes palavras e expressões utilizadas no texto?

- I. Gonzaga (parágrafos 2 e 4).
- II. *Stockwell Tube station* (parágrafo 3).
- III. *us* (parágrafo 4).
- IV. *This schizophrenic behaviour* (parágrafo 5).

Resolução

I. Gonzaga é a cidade natal de Jean Charles de Menezes.

II. *Stockwell Tube Station* é a estação de metrô em Londres onde Jean Charles foi morto pela polícia.

III. *Us* refere-se aos moradores da cidade de Gonzaga, na fala da prefeita de Gonzaga.

IV. *This schizophrenic behaviour* refere-se ao comportamento esquizofrênico do governo Britânico, que ao mesmo tempo em que permite que a polícia saia ileso deste caso, também permite a produção do filme que relata o crime.

QUESTÃO 34

Explique o significado da oração *I don't know why they pulled the plug* no contexto do artigo.

Resolução

Este comentário foi feito pelo diretor Henrique Goldman, que a princípio tinha sido escolhido pela BBC para dirigir e escrever o roteiro do projeto que relata a morte de Jean Charles, mas pelo fato de eles não concordarem sob qual aspecto o filme deveria ser abordado, eles “**pulled the plug**”, ou seja, eles se (desconectaram) **desistiram** do projeto, e é isso que Goldman está questionando, pois ele não sabe o porquê de eles terem desistido do projeto.

QUESTÃO 35

Quem são as seguintes pessoas, mencionadas no artigo?

- I. Esegénia-Maria Magalhães.
- II. Henrique Goldman.
- III. Jean Charles de Menezes.

Resolução

I. Esegénia-Maria Magalhães é a prefeita de Gonzaga, cidade natal de Jean Charles de Menezes. Na verdade, o nome trazido pelo texto é incorreto, pois o nome correto da prefeita é Efigênia Maria Magalhães.

II. Henrique Goldman foi escolhido pela BBC para dirigir e escrever o filme que relata a morte de Jean Charles.

III. Jean Charles de Menezes era um rapaz comum, de 27 anos, que saiu da cidade de Gonzaga e foi morar em Londres, em busca de uma vida melhor, mas foi morto com sete tiros na cabeça, pela polícia britânica, que o confundiu com um homem bomba.

QUESTÃO 36

De que fonte foram efetivamente obtidos recursos para financiar a produção do filme? Essa fonte é de caráter público ou privado? Qual a porcentagem desse apoio financeiro em relação ao total de gastos?

Resolução

Depois que a BBC desistiu do projeto, Henrique Goldman, diretor escolhido pela própria BBC, conseguiu fazer com que o projeto continuasse em andamento, conseguindo 50% do patrocínio fornecido pela UK Film Council, que é uma agência de filmes apoiada pelo governo Britânico sendo, portanto, de caráter público.

REDAÇÃO

INSTRUÇÃO: Leia os textos apresentados como base para as questões de números 29 a 32.

PROPOSIÇÃO

Embora seja um tema tão antigo quanto a própria civilização, a busca da felicidade ainda constitui o problema maior de todos os seres humanos no século XXI. Para alguns, ser feliz só é possível com o acúmulo de bens e de riqueza, vivendo nas grandes cidades e usufruindo de todos os prazeres possíveis, inclusive daqueles que a moderna tecnologia oferece. Para outros, a felicidade só se encontra no despojamento das ambições e na busca das coisas simples, já que a posse de fortuna não garante por si mesma a satisfação integral do homem. Afinal, o que é importante para ser feliz? Riquezas, prazeres, tecnologia, sucesso profissional e pessoal? Ou simplicidade, tranquilidade, renúncia às grandes ambições, busca do bem estar individual na autenticidade do ser, na natureza e na própria natureza humana? O importante, enfim, é ter? ou ser? Seria possível um meio termo para essa busca?

Com base nesta orientação e levando em consideração, se achar necessário, os textos apresentados como base para as questões de números 29 a 32, escreva uma redação de gênero *dissertativo* sobre o tema:

A FELICIDADE, ENTRE O TER E O SER.

COMENTÁRIOS

Seguindo uma fórmula tradicional em seu vestibular, novamente a UNESP pediu ao candidato que se inspirasse em textos literários para construir sua redação. Também de acordo com a tradição, o tema escolhido foi abstrato, não ligado a um acontecimento recente discutido pela mídia, mas a questões mais amplas e atemporais. A novidade em relação aos anos recentes foi o fato de a proposta ser bastante curta, composta apenas de um soneto e uma tira de quadrinhos. Com o auxílio opcional dessa coletânea, o candidato deveria responder à questão proposta: a felicidade é alcançada pela posse de bens materiais, pela simplicidade e autenticidade ou por uma combinação desses elementos?

A coletânea, ao criticar o consumismo da sociedade atual, dá poucos subsídios ao candidato que quiser se distanciar do senso comum. Tanto o poema quanto a tira fazem comentários que já se tornaram parte do cânone moderno de crítica à sociedade consumista: enquanto a tira afirma que, para o homem moderno, a principal questão existencial diz respeito à posse e não às suas características pessoais, o poema afirma que é mais importante ter paz do que ter a posse de bens materiais.

Seria muito útil ao candidato que, antes de elaborar seu texto, resolvesse as questões, já que estas o obrigam a refletir sobre o significado dos dois textos presentes na coletânea. Embora o uso de fragmentos da coletânea sejam uma constante nas provas de redação da UNESP, nunca a ligação entre as questões e a redação havia sido tão explícita.

A proposta deixa claro que o autor da redação deve escrever um texto prescritivo, ou seja, deve mostrar qual é o caminho que leva à felicidade; porém, não é necessário que o autor concorde com os textos presentes na coletânea (nem que os use, aliás). É possível, portanto, ter um bom resultado com um texto que pregasse a valorização da posse de bens materiais como algo necessário (mesmo que não suficiente) à obtenção da felicidade.